

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS – DECLAVE

LAURA AMARAL KÜMMEL FRYDRYCH

TRANSCRIÇÃO DA INTERPRETAÇÃO PARA LIBRAS:
uma abordagem enunciativa

Porto Alegre
2010

LAURA AMARAL KÜMMEL FRYDRYCH

TRANSCRIÇÃO DA INTERPRETAÇÃO PARA LIBRAS:

Uma abordagem enunciativa

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dr^a. Luiza Milano Surreaux

Porto Alegre
2010

Aos meus leitores. Porque todo texto reclama uma leitura. Que cada um de vocês, na singularidade de sua leitura, possa aproveitar de alguma forma o que aqui compartilho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua misericórdia sobre nossas vidas. Pelo grande amor com que nos amou. Pelo sangue de seu Filho, Jesus, derramado um dia por nós na cruz.

À minha família, por todo carinho, incentivo e valores dispensados nesta minha trajetória. Pela base que são e por me ensinarem a ser a “protagonista da minha própria história” e a sempre terminar aquilo que começo.

Ao Felipe, por sempre saber a hora certa das coisas. Por ser temente a Deus e ser para mim um reflexo do amor de Jesus. Pelo exemplo de determinação que é para mim.

À minha orientadora favorita, Luiza, pelo exemplo de professora que é: que sabe ouvir seus alunos, estando sempre disposta a fomentar suas inquietações (até mesmo aquelas silenciosas). Por todo o apoio e incentivo dispensados a esta orientanda e pela maestria na condução da pesquisa da qual este trabalho é um dos muitos frutos.

Finalmente, às minhas colegas, do passado e do presente. Antes de tudo, amigas. Especialmente à Bruna, à Vanessa e à Rosana, pelas proveitosas discussões e pelo companheirismo nesta caminhada acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho propõe apresentar uma abordagem teórico-metodológica de base enunciativa acerca das especificidades da transcrição lingüística da interpretação para Libras. Sendo assim, vale-mo-nos do campo de estudos da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste (1989, 1991) para refletir sobre as especificidades de uma transcrição desta natureza. Segundo Flores (2006) “a transcrição, vista como um ato enunciativo, como um *mostrar* de um *dizer* que comporta, ela mesma, um outro *dizer*, pode ser estendida a estudos de diferentes *corpora*”. Portanto, a transcrição nos permite, através de uma mesma materialidade – escrita –, depreender as diferentes vias interpretativas que os dizeres, na língua fonte e na língua alvo, possam indicar. Olhar para o (tradutor)intérprete de Libras como sujeito, ou seja, enquanto alguém atravessado pela linguagem, e não apenas como um ser “falante” no mundo é reconhecer-lhe sua posição de enunciador. Em uma interpretação para Libras temos, portanto, uma dupla enunciação: o que interpreta enuncia na língua alvo, bem como o *locutor* na língua fonte. Sendo assim, neste trabalho apresentamos como uma transcrição de base enunciativa pode servir como recurso para se analisar os diferentes desdobramentos de sentido produzidos em cada ato enunciativo envolvido na transcrição de uma interpretação para Libras. Podemos apontar que as especificidades na transcrição lingüística de uma interpretação para Libras decorrem, de um lado, da instância enunciativa em que o *fato* é produzido e, de outro lado, do fato de a própria transcrição ser também o produto de um ato de enunciação. Assim temos que a transcrição da interpretação para Libras comporta uma tripla enunciação porquanto estão em jogo três enunciadores: o que “fala”, o que interpreta e o que transcreve. Deve-se levar em consideração também o fato de que, assim como a interpretação implica o intérprete, a transcrição implica o transcritor, que enuncia de forma muito particular essa passagem do oral para Libras e da Libras para o escrito.

Palavras-chave: Enunciação, Língua Brasileira de Sinais, interpretação, transcrição.

ABSTRACT

This study intends to present a theoretical and methodological discussion concerning the specificity of a linguistic transcription of a translation/interpretation to Brazilian Sign Language (Libras). Therefore, we make use of Émile Benveniste's Enunciative Theory (1989, 1991), a field of studies that allows us to reflect on the specificities of a transcription such as the one in question. According to Flores (2006) "the transcription, seen as an enunciative act, as a *displaying* of a *saying* that bears in itself another *saying*, can be extended to studies of different corpora". Thus, the transcript allows us, by the same materiality – the written one – to infer the different interpretive routes that the *sayings* in the source and the target language might indicate. To regard the interpreter as a subject, as someone taken over by language - and not just as a "speaker" in the world – is to recognize his position as an enunciator. So, in interpreting, enunciation is two-fold: the interpreter enunciates, as well as the one who enunciates in the source language. For this reason, in this work we present how an enunciative-based transcription can serve as a resource to examine the various ramifications of meaning produced in each enunciative act involved in the transcription of an interpretation to Libras. Thus, we can point out that the specificities in a linguistic transcription of an interpretation to Libras are the result, on the one hand, from the enunciative instance in which the *fact* is produced and, on the other hand, from the fact that the transcript itself is also the product of an enunciative act. To this end, we have that the transcription of an interpretation would bear a three-fold enunciation, once there are three enunciators at stake: the *locutor*, the interpreter and the transcriber. Consequently, we must take into account also the fact that, as the interpretation entails the interpreter, the transcription entails the transcriber, who enunciates in a very particular way this passage from spoken Portuguese to Libras and from Libras to the written medium.

Keywords: Enunciation, brazilian sign language, interpretation, transcription.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	10
2.1 Delineando a questão	10
2.2 Libras: <i>status</i> linguístico	11
2.3 Sobre interpretação de Libras	12
2.4 Sobre transcrição de Libras	14
2.5 Encaminhamentos	17
3 ENUNCIÇÃO	18
3.1 Sobre a Linguística da Enunciação	18
3.2 Libras e Enunciação	20
3.3 Tradução e Enunciação	20
3.4 Transcrição de Libras na perspectiva da Enunciação	21
3.5 Encaminhamentos	25
4 ANÁLISE	26
4.1 Metodologia	26
4.2 Olhando para os <i> fatos</i>	27
4.3 Encaminhamentos	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICE – Convenção das transcrições	37
ANEXO 1 – Dvd com os <i> fatos</i> analisados (vídeo)	38

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva abarcar áreas do conhecimento que, por ora, ainda não foram tangenciadas conjuntamente. Refirimo-nos à Linguística da Enunciação e às Línguas de Sinais – sua tradução/interpretação e sua transcrição linguística. O texto a seguir é fruto de mais de ano de pesquisa sobre transcrição linguística, um tema que perpassa e é o ponto de partida para muitas análises que permeiam os estudos de linguagem. Assim, olhar para o objeto¹ Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelo viés da Linguística da Enunciação, com base principalmente nos pressupostos da Teoria da Enunciação benvenistiana, é, como diz o mestre genebrino, Saussure, criar um novo objeto. Por isso, apresentamos, com este trabalho, a Libras, e, mais especificamente, a interpretação e a transcrição da mesma, atreladas à visão enunciativa de linguagem. Esse gesto implicará também, como veremos a seguir, a abordagem dos sujeitos envolvidos nesse processo (o *locutor* na língua fonte, o tradutor e o transcritor), evidenciando com isso a(s) singularidade(s) decorrente(s) de cada enunciação – mostradas através da transcrição linguística da interpretação para Libras.

A Libras e a comunidade surda há vários anos vêm sendo objeto de estudo em diversas áreas e especialidades do meio acadêmico. Quadros e Karnopp, ao afirmarem que o interesse em relação ao estudo das línguas de sinais é crescente, sugerem que “[...] as línguas de sinais podem fornecer novas perspectivas teóricas sobre as línguas humanas, sobre os determinantes da linguagem e o processo de aquisição e desenvolvimento de uma língua que apresenta certas particularidades em relação às línguas orais” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 37), evidenciando a riqueza e a complexidade dessa modalidade de língua.

Com a Lei nº 10.436/2002 - que reconhece a Libras “como meio legal de comunicação e expressão”-, e o Decreto nº 5.626/2005 – que regulamenta a Lei, estendendo a inserção de Libras aos currículos dos cursos de licenciatura e preconizando a inclusão dos surdos na educação básica e superior -, a importância do (tradutor)intérprete de Libras (doravante ILS²) tem aumentado. A profissão de intérprete de língua de sinais foi regulamentada, no Brasil, neste ano (Lei nº 12.319/2010), o que torna urgente e necessário que se estude, discuta e problematize essa função ainda mais na academia, em virtude de, com o passar dos anos, tal profissão ser mais requerida em diversos contextos e situações. Precisamente, por lidar com a

1 *Objeto* no sentido saussureano do termo: criado a partir de um ponto de vista.

2 A utilização deste termo, e por sua vez, da sigla ILS, será justificada no capítulo 2, seção 2.3.

linguagem, é primordial que se pense o ILS no âmbito da área de estudos da linguagem. Este trabalho, portanto, pretende contribuir para que a função do ILS seja analisada desde um viés linguístico.

Olhar para o modo único e singular com que cada indivíduo se apropria e faz uso de uma língua é tarefa que requer atenção e cuidado por parte de quem se propõe a analisá-lo. A questão se torna ainda mais complexa quando estão em jogo duas línguas. E, mais acurado deverá ser esse olhar se pairar sobre o protagonista envolvido no processo de interpretação entre elas. É sobre este sujeito que focalizaremos nossa visão neste trabalho, pois é na transformação oral-sinalizado que ele imprime sua marca singular. Propomo-nos a analisá-lo a partir da perspectiva da Linguística da Enunciação - justamente por buscar refletir acerca da particularidade enunciativa desse sujeito (ILS), que atualiza em sua fala o dizer de um outro. Metodologicamente, para dar conta da tarefa de análise da enunciação do ILS, optamos por lançar mão da transcrição linguística da interpretação para Libras.

Assim, no capítulo 2, discutiremos aspectos concernentes à Libras: o *status* linguístico, a tradução-interpretação, e a transcrição. Revisaremos algumas – dentre as muitas - pesquisas sobre esses aspectos, desenvolvidas até o presente momento. Para o leitor iniciante no assunto sobre Libras, o capítulo pretende contextualizar alguns pontos que são abarcados no capítulo 3. Assim, no terceiro capítulo, retomaremos os tópicos discutidos anteriormente, a partir da perspectiva da Linguística da Enunciação, explicitando alguns pontos relevantes dessa teoria que são fundamentais para a análise apresentada no último capítulo. No capítulo 4, ilustraremos a teorização sobre transcrição da interpretação para Libras sob um olhar enunciativo com a análise de uma interpretação. Finalmente, apresentaremos nossas considerações finais, que encerram de certa forma a discussão traçada neste trabalho.

2 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

As línguas de sinais (LS) são as línguas naturais das comunidades surdas. A Libras é uma língua de modalidade visoespacial (diferentemente da língua portuguesa, que é de modalidade oral-auditiva), e é utilizada predominantemente pelas comunidades surdas do Brasil³.

Não se pode discutir o aspecto visoespacial das línguas de sinais sem fazer uma consideração, mesmo que breve, sobre a caracterização do que seria a surdez. Por isso, destacamos neste trabalho a noção de *surdez*, apontada por Quadros, enquanto consubstancializadora de experiências visuais. Nesse sentido, *surdo* é

o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais. (QUADROS, 2004, p. 10).

Introduzida essa questão, passaremos à contextualização de nossa questão temática.

2.1 Delineando a questão

Neste capítulo revisaremos importantes pesquisas que se detém sobre as línguas de sinais. Muitas delas levantam e confirmam discussões acerca do *status* linguístico das línguas sinalizadas, objetivando garantir um lugar de sustentação teórica para o próprio estudo sobre esta modalidade de língua. Afiliando-nos e principiando por elas, destacaremos, ainda, alguns trabalhos que se dedicam a pensar em sistemas de transcrição para as línguas de sinais, dentre os quais alguns que lançam mão de aparatos tecnológicos bastante complexos, como programas computacionais, além de diversos outros recursos para a tomada das gravações de sinalizações⁴ – requisitos básicos para o empreendimento de qualquer análise linguística da Libras. Apresentaremos, ainda, a figura e o papel do ILS a partir de trabalhos e pesquisas que tem se dedicado a analisar a função do mesmo e a destacar a importância de tal profissional

3 As línguas de sinais não são universais. Cada país possui a sua própria LS. Além disso, as LS também possuem regionalismos, expressões que se diferem de região para região, assim como as línguas orais.

4 O termo *sinalização*, neste trabalho, refere-se ao ato de utilizarem-se os sinais das LS para enunciar.

enquanto agente no processo que intermedeia.

2.2 Libras: *status* linguístico

A Libras, recentemente oficializada no Brasil (Lei 10.436/2002), nem sempre teve seu *status* linguístico reconhecido como tal. Contudo,

A Libras apresenta todos os componentes das línguas orais, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos. Preenche assim, os requisitos científicos para ser considerada instrumental linguístico. (BRASIL, 2009, p. 11).

Essa tem sido a explicação mais recorrente para que se considere a Libras como uma língua. O argumento, que, longe de abarcar uma definição específica para o termo *língua*, defende que a Libras seja uma língua por conter os níveis linguísticos de análise - “requisitos científicos”, conforme consta no documento citado acima.

Quadros & Karnopp defendem o *status* linguístico da Libras partindo de uma revisão da literatura sobre as definições de *língua*: “Tais definições fornecem subsídios para a indicação de propriedades consideradas pela linguística essenciais às línguas naturais” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 24). As autoras trazem conceitos de diversos linguistas (Saussure, 1995; Bloch e Trager, 1942; Hall, 1968; Robins, 1979), para, finalmente, filiarem-se à noção chomskyniana de *língua*, concebida como “língua interna”, ou seja, como um “elemento da mente da pessoa que conhece a língua como foi adquirida e é usada sistematicamente” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 25). Apresentam, ainda, os principais traços atribuídos às línguas em geral (conforme Hockett, 1992; Lyons, 1981 e Lobato, 1986): flexibilidade e versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade/produktividade, dupla articulação, padrão e dependência estrutural. A partir dessas propriedades, as autoras estabelecem uma distinção entre a linguagem humana e a comunicação animal afirmando que tais “[...] traços são extremamente raros no mundo animal” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 28)⁵. As autoras apresentam, também, algumas funções da língua, destacando a função

5 Benveniste, em seu texto *comunicação animal e linguagem humana* (1990), ao retomar as pesquisas de Karl von Frisch sobre o processo de comunicação entre as abelhas, diz que “as condições fundamentais de uma comunicação propriamente linguística parecem faltar no mundo dos animais [...]” (p. 60). Benveniste argumenta que a linguagem humana supõe um simbolismo, e, a partir de sua reflexão podemos depreender alguns caracteres básicos constituintes da mesma: a mobilidade de conteúdos, a variabilidade das mensagens, a referência a diversas situações, a natureza decomponível do enunciado, e a transmissão multilateral. O autor

primária como sendo “[...] a comunicação e a expressão do pensamento” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 29).

Segundo Quadros e Karnopp, foi a partir dos anos 60 que as abordagens sobre as línguas naturais estenderam-se, também, sobre as línguas de modalidade visoespacial. O trabalho de Stokoe (1960) representou o primeiro passo em relação aos estudos das línguas de sinais. Ele “[...] percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 30). Ou seja, as pesquisas desenvolvidas por Stokoe (1960; et al., 1965; et al., 1976) “[...] foram os primeiros trabalhos a reconhecerem a organização interna de uma língua de sinais e a tornarem algumas destas organizações explícitas” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 31)⁶.

Poderíamos também postular o estatuto linguístico da Libras apartir das diferentes noções de *língua* abarcadas pelas teorias da Enunciação, contudo tal empreendimento foge à nossa alçada neste momento⁷. Limitar-nos-emos a explicitar que, de acordo com o verbete benvenisteano presente no *Dicionário de Linguística da Enunciação* (2009) a língua é o único sistema simultaneamente semiótico em sua estrutura formal e em seu funcionamento, definição que pode ser estendida à Libras: ela é também um sistema que inter-relaciona valor distintivo das formas e valor referencial relativo à situação enunciativa.

2.3 Sobre interpretação de Libras

Nesta seção iremos abarcar conceitos relativos à interpretação de/para Libras, e outras discussões relativas à função do ILS. Partindo de pesquisas que vinculam a interpretação de Libras aos Estudos de Tradução, faremos uma breve revisão do que já foi publicado até o

diz que o modo de comunicação empregado pelas abelhas “não é uma linguagem, é um código de sinais” (BENVENISTE, op.cit.: 67), no qual os caracteres acima mencionados se invertem. Contudo, ele faz uma ressalva interessante, que de certa forma delimita a relação homem/linguagem: “É no entanto significativo o fato de que esse código, única forma de “linguagem” que se pôde até hoje descobrir entre os animais, seja próprio dos insetos que vivem em sociedade. É também a sociedade que é a condição da linguagem” (Op.cit.: 67).

6 Há, no Brasil, alguns trabalhos que discorrem especificamente sobre a estrutura e organização interna da Libras, corroborando para a constituição de seu *status* linguístico. Dentre eles, destaco Quadros (1995; 1999) e Britto (1995).

7 Apesar de o termo *língua*, quando à sua definição, desde a visada teórica da Linguística da Enunciação, possuir pontos em comum com outras maneiras de ver a língua, cada teorização (de Benveniste, Jakobson, e Bally, por exemplo), comporta especificidades em sua visada sobre a mesma. Sendo assim, far-se-ia necessária uma revisão do termo a partir dessas teorias, o que ultrapassa nossos propósitos neste trabalho e que, certamente poderá vir a ser explorado futuramente.

momento sem, contudo, aprofundá-la, visto não ser o objetivo deste trabalho. Princípios com uma citação de Pereira sobre os termos *tradução* e *interpretação*:

Pode-se dizer que a tradução é o termo geral que se refere a transformar um texto a partir de uma língua fonte, por meio de vocalização, escrita ou *sinalização*, em outra língua meta. A diferenciação é feita, em um nível posterior de especialização, quando se considera a modalidade da língua para qual está sendo transformado o texto. Se a língua meta estiver na modalidade escrita trata-se de uma tradução; se estiver na modalidade vocal (também chamada de oral) ou sinalizada (presenciais ou de interação imediata), o termo utilizado é interpretação. (PEREIRA, 2008a, p. 136 – grifo da autora).

Por analisar, neste trabalho, a língua meta na modalidade sinalizada, optamos por utilizar a sigla ILS para referir-nos ao (tradutor) intérprete de Libras. Sobre tradução, Quadros define dois processos: o simultâneo e o consecutivo. Aquele é referido quando a tradução acontece “ao mesmo tempo”, ou seja, “o tradutor-intérprete precisa ouvir/ver a enunciação em uma língua (língua fonte), processá-la e passar para a outra língua (língua alvo) no tempo da enunciação” (QUADROS, 2004, p. 10). Já o processo de tradução consecutiva ocorre quando “o tradutor-intérprete ouve/vê o enunciado em uma língua [...], processa a informação e, posteriormente, faz a passagem para a outra língua [...]” (QUADROS, 2004, p. 10).

Pereira traz uma discussão importante sobre a visão que ainda, em vários contextos, se tem do ILS. A autora, pelo viés teórico da Semiologia (CHARAUDEAU, 1983; 2001; 2005), problematiza a visão corrente do intérprete enquanto uma “máquina/ ferramenta/ telefone”: “Visto, por muitos, como um “telefone” ou um conduto que passa mensagens de um lado a outro, poucos se atrevem a pensar o ILS como um ser humano, como sujeito, também envolvido no agir linguístico” (PEREIRA, 2008b, p. 2). Frente a esse olhar, a pesquisadora argumenta que

[...] como seres sociais e culturais não somos neutros e nossas concepções transbordam na forma em que nos expressamos por meio da linguagem. Ser uma “ponte” não nos tira a subjetividade. [...] não estamos somente ligando um e outro, estamos *apoiados* em ambas as extremidades. Ser e não-ser em um ato de linguagem é o dilema que acompanha a vida profissional dos ILS. Somos o *eu*, proibido de se enunciar como *eu*, e falamos como se *ele/ela* fosse *eu*. (PEREIRA, 2008b, p. 3 –

grifos da autora).

Este dilema, segundo a autora, dá-se devido aos modelos que, para representar essa relação, abordam uma perspectiva diádica, ou seja, que estabelecem duas pessoas interagindo por meio, principalmente, da língua, ao que Pereira propõe uma abordagem diferente:

O grande desafio [...] é pensar em como seria representada uma relação exclusivamente triádica, como é a interpretação interlíngua, em que a figura do intérprete sempre vai estar intermediando uma interlocução entre duas ou mais pessoas e considerar as especificidades surgidas do fato de que, uma das línguas, é uma língua visual-espacial (cinestésica). (PEREIRA, 2008b, p. 3).

Podemos perceber que na hipótese de Pereira há uma abertura para se pensar na singularidade da função do ILS. Este lugar único do ILS também é problematizado por Rosa. Esta autora argumenta que o lugar que o ILS ocupa é sempre

[...] 'entre' duas línguas, indo e vindo na elaboração de seu trabalho. Nunca encontra repouso, pois, mal chega na língua-alvo (a língua de sinais) e já precisa tomar o caminho de volta, para compreender o discurso na sua própria língua (o Português). Imediatamente, é preciso refazer o percurso – sua tarefa é estar em trânsito. (ROSA, 2005, p. 14).

Segundo a pesquisadora, outra concepção possível para *entre* poderia ser o da visibilidade da tradução, pois sendo a língua alvo visual-espacial, o ato interpretativo só acontece na presença física do intérprete. Por isso o título do trabalho de Rosa (2005) ser *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Das diversas modalidades de tradução-interpretação, escolhemos tratar da modalidade de interpretação da língua falada para a língua de sinais para ilustrar a discussão aqui tecida. Contudo, as outras modalidades (como por exemplo, interpretação da língua de sinais para a língua falada) também poderiam suscitar exemplos interessantes para se analisar os desdobramentos de sentido, evidenciados a partir da transcrição dos mesmos.

Então, para proceder a uma análise dos rumos que o sentido pode tomar em uma interpretação para Libras, ocupar-nos-emos a seguir da análise do processo de transcrição como um passo importante para seguir nossa investigação.

2.4 Sobre transcrição de Libras

Quadros e Karnopp (2004), para abordarem aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais, criaram um sistema de transcrição de sinais que ilustrasse os aspectos por elas abordados. Relatam as autoras que a tradução e a transcrição constituíram a etapa mais trabalhosa do estudo, ressaltando as incertezas que permearam esses processos (transcrição e tradução):

Esses processos são altamente complexos quando se utiliza a escrita correspondente que já existe em uma determinada língua. Esse não foi o caso, uma vez que optou-se por utilizar glosas com palavras do português nas transcrições, tornando o trabalho ainda mais complexo. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 37).

As autoras explicam que houve um cuidado sobre a tradução no momento da transcrição. Segundo elas “foram escolhidas palavras do português que se aproximassem mais do sentido expresso através do sinal e foram utilizados outros recursos gráficos para garantir a lembrança mais próxima do que estava ilustrando através da foto” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 38). Além disso, apesar de as fotos das sinalizações terem sido publicadas no corpo do trabalho, as autoras destacam que as fotos também apresentam limitações: “o movimento, a mudança da expressão facial e a mudança na direção do olhar são exemplos de informações que se perdem” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 8). Assim, em seu trabalho, todas as sentenças apresentam a foto, a transcrição e a respectiva tradução para o português. Além disso, elas declaram estar cientes de que alguns exemplos apresentados ilustram a variante do estado do Rio Grande do Sul, e que, como isso “[...] não implica em consequências para as análises realizadas, decidiu-se não considerar as demais variantes da língua de sinais brasileira, exceto quando estas apresentaram exemplos relevantes” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 45).

McCleary e Viotti (2007) compartilham da limitação que os atuais sistemas de transcrição apresentam. Em seu trabalho *Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB)*, os autores ressaltam a importância que a transcrição tem no processo inicial de descrição de uma língua, contudo, afirmam que “[...] apesar de as línguas sinalizadas já estarem sendo estudadas por linguistas por quase meio século, o problema de sua transcrição continua sendo um desafio sem solução clara” (MCCLEARY & VIOTTI, 2007, p. 1), e complementam dizendo que isso

se deve, em parte, ao fato de as línguas de sinais não possuírem ainda um sistema de escrita⁸ largamente aceito.

O objetivo maior da pesquisa de McCleary e Viotti era iniciar uma discussão sobre questões relacionadas à documentação de línguas sinalizadas e à transcrição dos dados. Objetivaram também produzir um corpus da Libras informatizado, “[...] que pudesse 1) ter a transcrição sintonizada com a imagem em vídeo, 2) permitir buscas e relatórios de vários tipos, 3) ser facilmente disponibilizado para outros pesquisadores no mundo, e 4) ser comparável com outros corpora internacionais” (MCCLEARY & VIOTTI, 2007, p. 17). Para isso eles buscaram soluções e softwares que atendessem a esses critérios e elencaram alguns: ANVIL, ELAN, CLAN, SIGNSTREAM e TRANSANA, cada qual com suas vantagens e desvantagens para o projeto da pesquisa. O corpus resultante da pesquisa “[...] se constitui basicamente de narrativas produzidas por surdos fluentes, baseadas em um filme sem palavras, conhecido como “A História da Pêra”, preparado especialmente para a eliciação de narrativas” (MCCLEARY & VIOTTI, 2007, p. 24).

O sistema de transcrição desenvolvido por McCleary, Viotti e seu grupo de pesquisadores é de orientação eminentemente descritiva, almejando assim, a captura do maior número possível de detalhes presentes na sinalização. Com isso, espera-se obter um sistema orientado para a padronização e a comparabilidade. Ressaltam ainda os autores que

[...] a questão da transcrição das línguas em geral, e das línguas sinalizadas em particular, vai além do aspecto meramente formal de uma boa documentação linguística. Sistemas de transcrição bem elaborados se tornam lentes poderosas que nos ajudam a ver várias características das línguas que, sem eles, poderiam passar despercebidas. (MCCLEARY, VIOTTI, 2007, p. 25).

A partir, então, desta constatação, autorizamos-nos a problematizar a transcrição da interpretação para Libras. Nosso foco distancia-se um pouco daquele proposto por McCleary & Viotti. Olharemos não para a sinalização de uma narrativa, mas para a sinalização de uma interpretação, para fazermos nossa transcrição. Soma-se a isso a multiplicidade de gêneros de discurso envolvidos neste contexto, e, como dissemos, não nos limitaremos ao gênero narrativo. Também, não podemos afirmar se a intérprete do vídeo que analisaremos é ouvinte

8 Conforme os autores, para saber sobre sistemas de escrita mais codificados/analíticos das línguas de sinais ver Stokoe (1960) e Stokoe, Casterline & Croneberg (1965). Para sistemas mais gráficos/icônicos, vide o sistema SignWriting, de Sutton (1996). Sugerimos também a leitura de Barros (2008), que propõe a ELiS – Escrita das Línguas de Sinais e de Pontin & Silva (2010), que, assim como Stumpf (2005) discutem sobre o uso do *Sign Writing*.

ou surda, diferentemente dos pesquisadores, que analisam as narrativas produzidas por surdos fluentes.

2.5 Encaminhamentos

A partir dos conceitos e questionamentos elencados neste capítulo, procederemos a um deslocamento teórico: sob um olhar enunciativo, retornaremos sobre essas mesmas questões - o *status* linguístico da Libras, a função do ILS e a transcrição de sinais – para, então, propor de que forma se dá e que implicações surgem, para a análise dos desdobramentos de sentido produzidos na interpretação, através desse ponto de vista.

3 ENUNCIACÃO

A escolha, neste trabalho, pelo aporte teórico da Linguística da Enunciação se deu em virtude de sua abordagem incluir a noção de sujeito, e, com isso algo da ordem do irrepitível. A enunciação é sempre única e irrepitível, porque sempre que a língua é enunciada tem-se condições de tempo, espaço e pessoa (agora, aqui, e eu/tu, respectivamente) singulares. Sendo da ordem do repetível apenas a organização do sistema da língua, cada análise da linguagem será única também (FLORES & TEIXEIRA, 2005, p. 100).

3.1 Sobre a Linguística da Enunciação

Segundo Flores & Teixeira (2005), a *lingüística da enunciação* (no singular) abarca diferentes *teorias da enunciação* (no plural), visto que o campo abrange uma série de teorias cujo eixo comum é a abordagem de fenômenos relativos ao uso da língua e à subjetividade na linguagem. Dentro desse campo, situamos nossa referência em Émile Benveniste (1991, 1989), ao propor-nos analisar as especificidades da transcrição linguística de uma interpretação para Libras⁹.

Em Benveniste encontramos que “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 83), e a essa conversão ele caracteriza como sendo o “sentido” se formando em “palavras” – ao que, no texto *A forma e o sentido na linguagem* (1989), ele chama de semantização da língua. A partir destas afirmações benvenistianas, Flores & Teixeira constataam que “a enunciação [...] é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, a partir do aparelho formal da enunciação, tem como parâmetro um locutor e um alocutário” (FLORES & TEIXEIRA, 2005, p. 35). Conforme estes mesmos autores, o quadro teórico proposto por Benveniste “dá conta do processo de referenciação como parte da enunciação, isto é, ao mobilizar a língua e dela se apropriar, o locutor estabelece relação com o mundo via discurso de um sujeito, enquanto o alocutário co-

9 É importante destacar que Benveniste não aborda, especificamente, a temática da LS ou da Libras. Este é um deslocamento que estamos nos autorizando a fazer a partir da teorização deste autor, principalmente desde os capítulos que estão sob o título “O homem na língua”, em *Problemas de Linguística Geral I* (BENVENISTE, 1989).

refere” (FLORES & TEIXEIRA, 2005, p 35-6). Benveniste postula que a semantização é criadora de referência¹⁰, logo, “a referência é parte integrante da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 84). Sendo assim, a referência cria uma situação muito singular de uso da língua e, como “[...] a apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala”, formas específicas se manifestam no intuito de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Dentre essas formas específicas, não podemos deixar de destacar os dêiticos. A nota explicativa para a definição de *dêixis*, constante no *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES et al., 2009), vem bem ao encontro do que aqui quero problematizar:

A dêixis é um mecanismo ou uma relação, pois é responsável pela conversão do significado do signo no nível semiótico da língua em referência da palavra no nível semântico da língua. Trata-se de uma conversão do significado – repetível – do signo – à referência – irrepitível – da palavra. Benveniste exemplifica essa relação com palavras tais como os adjetivos, os pronomes demonstrativos (este, esta, entre outros), os advérbios de lugar (aqui, entre outros) e de tempo (agora, hoje, entre outros). Dessa forma, “aqui”, na frase “Estou aqui.”, enquanto signo, significa um espaço ocupado por alguém em oposição ao espaço ocupado por outros e que pode se converter, enquanto palavra, em referência a um espaço em que eu se encontra de alguma maneira singular. (FLORES et al., 2009, p. 77)

Ou seja, os dêiticos, enquanto signos vazios, são preenchidos na relação da indicação de uma forma, um significante, através de um signo à instância de discurso que o contém. Dessa forma, poderíamos pensar de que maneira os termos trazidos por Benveniste são interpretados para Libras. Quando em uma interpretação, em sala de aula, por exemplo, o professor fala “Aqui nós temos um exemplo de ...”, de que maneira ocorre a co-referência, no discurso, da palavra *aqui*? São questões interessantes que essa reflexão sobre a dêixis suscita, porém elas ultrapassam o escopo deste trabalho e poderão ser melhor exploradas em trabalhos futuros¹¹.

Como vimos apresentando até aqui, e, nas palavras de Benveniste (1989, p. 82), “a enunciação é [...] colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. O

10 Ressaltamos que a noção de *referência* em Benveniste relaciona-se ao próprio ato enunciativo (e não ao mundo).

11 Seria interessante também, sob a perspectiva benvenistiana, pesquisar como se dá a dêixis quando do uso de pronomes pessoais em um contexto de interpretação para Libras. Quem seria o eu-tu-ele na interpretação? Segundo Benveniste (1989, p.82) o ato mesmo de produzir um enunciado é a condição específica da enunciação, e, a relação do locutor com a língua é o que determina os caracteres linguísticos da enunciação. Sendo assim, teremos, em um contexto de interpretação, um *eu* que não “deve” ser *eu*. Isso configura a ilusão de que seria possível, em sua enunciação, um ILS não marcar sua subjetividade – expressa nas marcas linguísticas de seus enunciados. Citando novamente Pereira (2008b, p. 13): o ILS é o *eu*, proibido de se enunciar como *eu*, e falando como se *ele/ela* fosse *eu*.

autor também diz que este grande processo que é a enunciação pode ser estudado sob diversos aspectos, dos quais destacamos um: a definição da enunciação no quadro formal de sua realização. Para tanto, Benveniste postula que há três elementos que, na enunciação, precisam ser considerados: 1) o próprio ato, 2) as situações em que ele se realiza, e, 3) os instrumentos de sua realização (BENVENISTE, 1989, p. 83). Destes elementos, destacamos aqui, sumariamente, que é o ato individual de apropriação da língua que introduz aquele que fala em sua fala. Assim sendo, Benveniste (1989, p. 83-84) propõe que “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua” e que “depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso”. A enunciação se define, em relação à língua, como um processo de apropriação. E, o que determinará os caracteres linguísticos da mesma, será a relação do locutor com a língua.

3.2 Libras e Enunciação

Como vimos na seção anterior, se a enunciação interessa-se pelo ato de fala e pelas marcas que o sujeito deixa ao apropriar-se da língua, então será importante para os objetivos deste trabalho discutir as marcas singulares que o ILS deixa ao transpor uma fala do oral para Libras.

3.3 Tradução e Enunciação

Delinearemos agora como podemos olhar para o ILS a partir da perspectiva da teoria da enunciação benvenistiana. De antemão lembramos que Benveniste não propõe uma metodologia de análise para a tradução (ou para a interpretação), e, como bem afirma Nunes,

a teoria benvenistiana não instaura um método *preciso* de abordagem e de análise linguística. Ao contrário, Benveniste se ocupa de teorizar sobre algumas noções que, submetidas ao crivo do analista, se tornam mais ou menos relevantes para o empreendimento de análise. (NUNES, 2008, p. 63)

A articulação entre Enunciação e o campo dos estudos de tradução ainda é inicial e

pode ser melhor observada no trabalho de Nunes (2008). Ao analisar um exemplo de autotradução (Samuel Beckett em *En attendant Godot/Waiting for Godot*), a autora toma o tradutor como função enunciativa¹². E, para além de discutir em que medida há ou não (in)fidelidades na tradução, ela investiga o processo de (auto)tradução desde um ponto de vista que o contemple na sua singularidade. Ou seja, através da visada teórica da teoria da enunciação, que coloca o sujeito no centro de sua análise, as diferentes condições enunciativas da tradução poderão ser analisadas.

Assim, dada a imprevisibilidade e a efemeridade da *enunciação*, e, com isso, do valor semântico dos enunciados, temos, em um contexto de interpretação para Libras, um ILS que se vê às voltas com essa unicidade de referenciação constituída a cada instância de discurso. Contudo, para ele o que importa é a significação, e sua função é, acredita-se, “transmitir a mensagem”, o “sentido” do que está sendo dito por outro. Podemos equiparar essa crença à constatação benvenistiana de que “pode-se transpor o semantismo de uma língua para o de uma outra [...]; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semioticismo de uma língua para o de uma outra; é a impossibilidade da tradução” (BENVENISTE, 1989, p. 233). Ou seja, como bem afirma Nunes, ao comparar o pensamento de Benveniste ao de Hagège¹³, “[...], na tradução interlingüística não há a possibilidade de se reproduzir as relações opositivas de uma língua para a outra” (NUNES, 2008, p. 38). É a partir dessa perspectiva que passaremos a contextualizar a seguir como a tarefa de transcrição nos permite analisar a singularidade enunciativa presente na atividade do ILS.

3.4 Transcrição de Libras na perspectiva da Enunciação

A transcrição de uma interpretação do oral (da língua portuguesa falada) para Libras tem especificidades. Essa afirmação é evidenciada na constatação do fato de que na passagem do oral para Libras, há uma mudança radical na modalidade comunicativa, pois há uma transposição intermodal. Soma-se a isso uma nova mudança provocada pela passagem de

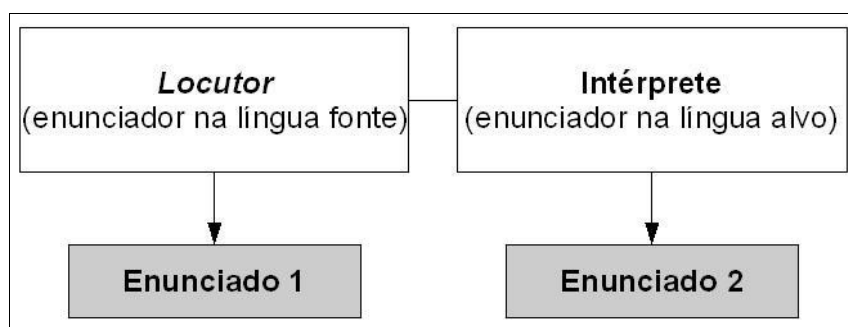
12 Nunes toma emprestado o termo *função enunciativa*, cunhado por Foucault (2005), em referência a um modo singular de existência do enunciado, ressaltando que “tomamos emprestado apenas o termo foucaultiano, sem que, com isso, passemos a incorporar as idéias do autor em nosso estudo” (NUNES, 2008, p. 10).

13 De acordo com Nunes, Claude Hagège é um autor cujas considerações “tocam o cerne de alguns aspectos do processo tradutório, fazendo com que suas constatações sejam essenciais para introduzirmos elementos que sustentem uma abordagem enunciativa da tradução” (NUNES, 2008, p. 37).

Libras para o escrito - na transcrição - outra transposição intermodal. Isto está claro pelo exemplo do trabalho de McCleary e Viotti (2007), citado no capítulo anterior, no qual os autores apresentam um panorama das pesquisas que foram feitas até o momento abarcando a transcrição de sinais, gestos e movimentos (faciais e corporais), endereçando-o à uma descrição das línguas de sinais, através de um sistema de transcrição.

A transcrição nos permite, através da materialidade da escrita, buscar depreender as diferentes vias interpretativas que os dizeres, na língua fonte e na língua alvo, possam indicar. Dentre as funções da transcrição da interpretação, destacamos a tomada do intérprete como sujeito de fala, ou seja, enquanto alguém atravessado pela linguagem, e não apenas como um ser “falante” no mundo, o que implica em reconhecer sua posição de enunciador.

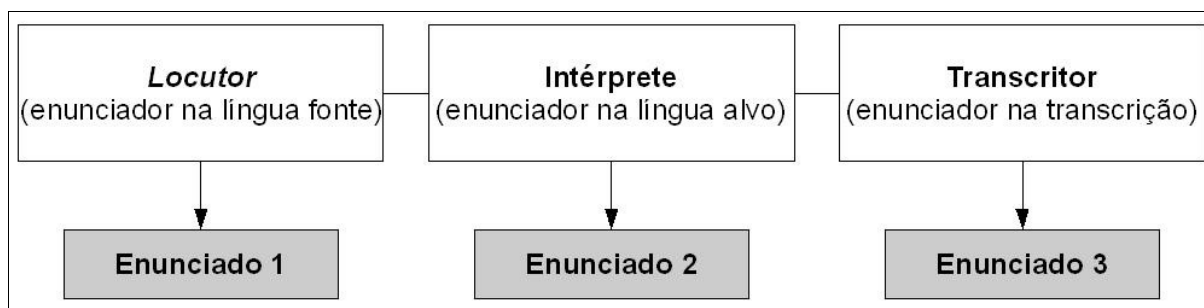
Assim, em uma interpretação temos uma *dupla* enunciação: o *locutor*¹⁴ enuncia na língua fonte, assim como o intérprete, na língua alvo. O quadro 1 abaixo visa ilustrar essa primeira constatação:



Quadro 1: Esquema da dupla enunciação

Além disso, conceber a transcrição na perspectiva da lingüística da enunciação, como propomos neste trabalho, significa tomá-la também como produto de um ato de enunciação. Temos, então, na transcrição de uma interpretação para Libras uma *tripla* enunciação, como mostra o quadro 2 a seguir.

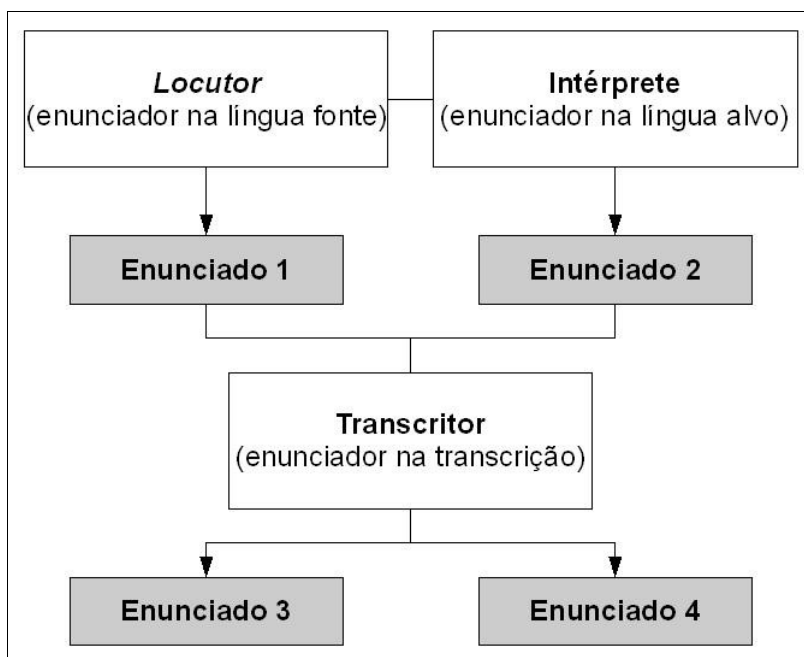
14 O termo *locutor* utilizado nos esquemas foi uma das alternativas para denominar aquele que é o enunciador “fonte”, primeiro. Buscamos por um termo que pudesse ser especificamente atribuído a ele, contudo termos como *narrador*, *sujeito falante*, *enunciador*, e também o próprio termo *locutor*, por suas definições no campo dos estudos enunciativos, constantes no *Dicionário de Linguística da Enunciação* (2009), podem ser atribuídos também aos outros enunciadores (ao ILS e ao transcritor). Na falta de um termo mais específico, até o momento, optamos por manter *locutor*.



Quadro 2: Esquema da tripla enunciação

Neste ponto, faz-se necessário marcar uma diferença importante entre o contexto oral-auditivo, o contexto visual-espacial e o contexto escrito. Enquanto no primeiro e no segundo aquele que enuncia está ali, no contexto escrito quem enunciou não está mais presente. E, no caso específico da transcrição da interpretação para Libras, estão em jogo três enunciadores: o que enuncia oralmente, o que enuncia em Libras e o que enuncia ao transcrever – por isso deve-se levar em consideração sempre o fato de que assim como a interpretação implica o intérprete, a transcrição implica o transcritor, que enuncia de forma muito particular essa passagem do oral para o escrito. Nesse sentido, encontramos aproximação da abordagem enunciativa de Silva (2009), ao apontar que a transcrição deve conter aspectos que levem em conta a teoria, o corpus e o transcritor.

Contudo, para apontar como uma transcrição de base enunciativa pode servir como recurso para se analisar os diferentes desdobramentos de sentido produzidos em uma interpretação para Libras, é preciso que se estabeleça uma comparação entre os enunciados produzidos na língua fonte e os enunciados produzidos na língua alvo. Isso origina uma quádrupla enunciação, porquanto ao transcrever a fala do *locutor*, o transcritor enuncia novamente, constituindo um quarto enunciado (conforme ilustrado no quadro 3).



Quadro 3: Esquema da quádrupla enunciação

Apesar de o esquema do quadro 3 mostrar uma quádrupla enunciação – considerando que o transcritor enuncia¹⁵ duas vezes – o que queremos destacar é que, na transcrição da interpretação, faz-se presente um processo de tripla enunciação. Por ser a interpretação, como dissemos anteriormente, uma dupla enunciação, ao transcrever essa interpretação, uma nova enunciação acontece, constituindo-se assim a tripla enunciação. Nosso foco é o processo da tripla enunciação. A quádrupla enunciação, originada por meio de um desdobramento da tripla, é um fruto que a análise, empreendida no capítulo 4, traz à nossa reflexão.

Surreaux, citando Allouch (1995), diz que alguma coisa na escrita resiste à sua redução a um redobramento da fala, ao que a autora denomina como sendo “o mal-estar da transcrição” (SURREAUX, 2006, p.141). Assim, na transcrição do enunciado do *locutor* e na transcrição do enunciado do ILS, teremos enunciados senão aproximativos. Com isso, a transcrição e a análise dos fatos¹⁶ enunciativos apresentados a seguir, seguirão o estatuto do

15 Na verdade, o transcritor *pode* enunciar duas vezes. Essa possibilidade advém das duas formas através das quais ele pode enunciar: transcrevendo a partir do enunciado 1 ou do enunciado 2.

16 Utilizamos aqui o termo *fato* em oposição a *dado*. A justificativa apresentada por Endruweit (2006) para tal nomenclatura é bastante esclarecedora: “Dizer que o ponto de vista cria o objeto significa tributar ao olhar do pesquisador a capacidade de determinar o fato linguístico no momento em que este for tomado para estudo. Nesse sentido não há um fenômeno a priori a ser analisado, mas um objeto constituído no momento em que determinada teoria dele se ocupa. Considerar o olhar do cientista é incluí-lo como participe em um processo de análise, é somar ao objeto de estudo o viés do observador. Por esta razão Flores (2001, p. 59) diz tratar-se de *fatos* e não de *dados*, ao referir-se ao corpus, porque realmente não se trata de algo “dado” enquanto evidência, mas do produto de um construto teórico. E é próprio que seja assim, visto se tratar de uma teoria que entende a intersubjetividade como condição para a subjetividade”. (ENDRUWEIT, 2006, p. 133).

singular no campo da enunciação, conforme apontado por Flores (2006, p. 74):

- Transcrever é condição de análise empreendida em lingüística, sendo até mesmo uma etapa da análise;
- A transcrição, vista como ato enunciativo, como um *mostrar* de um *dizer* que comporta, ela mesma, um outro *dizer*, pode ser estendida a estudos de diferentes *corpora*;
- Cada transcrição é sempre única, singular e não linearmente extensível: é o efêmero da enunciação;
- Não há integralidade na transcrição

O estatuto singular da transcrição será exemplificado, no próximo capítulo, a partir da análise empreendida.

3.5 Encaminhamentos

Até aqui nossa tarefa foi fundamentar de que forma a Linguística da Enunciação pode contribuir para uma reflexão acerca da Libras, da interpretação e da transcrição. Passaremos agora à tarefa de transcrição e análise de uma interpretação para Libras, na perspectiva teórica aqui mobilizada.

4 ANÁLISE

Para exemplificar a teorização mobilizada até aqui, apresentamos neste capítulo a análise de uma interpretação para Libras. Dentre os fatos analisados¹⁷, o que trazemos aqui fez parte de uma campanha sobre a classificação indicativa nos programas de televisão, veiculada em rede nacional pelo Ministério da Justiça no ano de 2007. O referido material foi selecionado por meio eletrônico¹⁸. Em seguida, foram transcritas e analisadas as diferentes modalidades, resultando na transcrição da interpretação para Libras do conteúdo do vídeo e na transcrição do áudio do comercial. Além disso, comparamos, num segundo momento, as transcrições com a legenda oculta veiculada pelo comercial. Antes de apresentar as transcrições e análises propriamente ditas, faz-se necessário estabelecer alguns pontos referentes à metodologia utilizada.

4.1 Metodologia

De início retomamos o que foi discutido até agora sobre transcrição, citando o que Flores (no prelo) teoriza sobre a questão:

a transcrição é irrepitível. Ela é única porque a cada vez que se transcreve têm-se novas condições de tempo (agora), espaço (aqui) e pessoa (eu/tu). Cada transcrição carrega consigo uma análise da linguagem, com objetivos específicos. É da ordem do repetível apenas o sistema de notação, mas a apreensão que, através dele, é feita da fala, é sempre singular. Uma consequência disso é que, em enunciação, não se pode utilizar transcrições já prontas e depositadas em banco de dados. A transcrição deve sempre ser feita pelo analista de linguagem de acordo com suas necessidades teóricas, em uma dada situação.

Para explicitar de que forma se constitui o aparato metodológico abarcado neste trabalho, ressaltamos o estatuto singular que a transcrição adquire em se tratando de

17 Os fatos analisados são fruto da pesquisa intitulada “A especificidade da transcrição da fala sintomática: aspectos enunciativos”(PROPESQ/UFRGS), desenvolvida sob a coordenação da Profª Drª Luiza Milano Surreaux, com a participação das integrantes Vanessa Felipe de Deus, Rosana dos Santos Oliveira e Laura A. K. Frydrych. Esta última foi responsável pelo estudo da transcrição de Libras, diferentemente das demais, empenhadas na transcrição de fatos oriundos de atendimentos em clínica fonoaudiológica.

18 Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=sbF5JFtDICQ> acessado em 12/08/2010.

enunciação. Além disso, as necessidades teóricas que, em determinada situação, conduziram à elaboração da análise aqui empreendida, justamente se prestam a problematizar e a desestabilizar o lugar do transcritor como “não-implicado”, bem como a função do intérprete, que muitas vezes, como dito anteriormente, é vista também como isenta do próprio sujeito envolvido no ato de interpretação.

Sendo também a análise empreendida em determinadas condições de tempo, espaço e pessoa, tem ela também sua singularidade. Dessa forma, não podemos postular uma metodologia que se preste, em um formato apriorístico, a toda e qualquer análise. Ao invés disso, comungamos com a afirmação de Nunes (2008) que, ao postular que Benveniste apresenta uma espécie de metodologia para uma abordagem enunciativa – a partir da “manifestação individual que ela [a enunciação] atualiza” (BENVENISTE, 1989, p. 83, apud NUNES, 2008, p. 49) – acredita ser legítimo a apresentação dos resultados das análises a partir dos instrumentos de sua realização, para se chegar ao ato de enunciação. Contudo, como bem lembra Nunes, “na verdade, nunca chegaremos ao ato enunciativo, dado sua efemeridade, mas podemos, através da análise dos instrumentos e das situações em que este ato se realiza, fazer algumas considerações sobre ele” (NUNES, 2008, p. 49).

Passemos, então, à análise.

4.2 Olhando para os fatos

Como apontamos na abertura deste capítulo, a análise se deu a partir de um vídeo (ANEXO 1) para uma campanha do Ministério da Justiça sobre a classificação indicativa nos programas de televisão. A classificação indicativa é

[...] a informação sobre o conteúdo de obras audiovisuais quanto à adequação de horário, local e faixa etária para serem exibidos. [...] A classificação permite que as famílias selecionem a programação televisiva ou audiovisual mais adequada para crianças e adolescentes, com base nas informações oferecidas pelo Ministério da Justiça, que se baseiam na quantidade e no nível de cenas de violência, sexo e drogas que apresenta determinada obra. Não há proibição a opiniões ou conteúdos diversos e nenhum programa deixará de ser exibido; poderá, apenas, ter seu horário de exibição adequado à regulamentação. (BRASIL, 2009, p. 7)

Na promoção de tal classificação, no vídeo aparece uma boneca sentada em um sofá

em frente à televisão. Nós, telespectadores, apenas vemos a boneca no sofá, visto que o que a televisão veicula não está visível. Apenas são depreensíveis os sons emitidos pela televisão. As reações da boneca (um sorriso no rosto, as mãos tapando os olhos e uma expressão de espanto, respectivamente) são mostradas consoante os sons. A cena seguinte mostra uma família (uma mãe, um filho e uma filha - esta última com a boneca em seus braços) sentada no mesmo sofá em frente à televisão. Após isso, aparece em destaque no vídeo a gradação das faixas etárias compreendidas pela Classificação Indicativa. O vídeo é finalizado com uma tomada da menina e sua boneca, esta última voltando-se para o telespectador, sorrindo e dando uma piscadela. Por último é mostrado o logotipo "Brasil, um país de todos", juntamente com a inscrição dos nomes do Ministério da Justiça e da Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Duas versões do vídeo são acessíveis aos surdos: uma, com a janela de interpretação para Libras e outra, com a legenda oculta, em língua portuguesa escrita. Detalhado o contexto do vídeo, passamos agora a descrever a análise.

Primeiramente transcrevemos a interpretação para Libras do conteúdo do vídeo. Sem o recurso do áudio, no intuito de não sermos influenciados pela locução (texto oral), transcrevemos a sinalização em forma de glosas, ou seja, em palavras da língua portuguesa que se equivalem ao sinal ou ao conceito do mesmo. Das marcações não-manuais transcrevemos apenas a expressão facial (EF), visto ser, neste caso, um contexto de interpretação controlada em termos de uso do espaço e movimentação. Marcamos as entradas de acordo com o tempo em que ocorriam e duravam. A seguir, no quadro A, temos a transcrição¹⁹ da interpretação.

0:01''	
0:02'' - 0:04''	[EF: leve sorriso] TELEVISÃO MOSTRAR DESENHO
0:05'' - 0:07''	[EF: neutra] TELEVISÃO MOSTRAR COISAS SEXO
0:08'' - 0:10''	[EF: neutra] TELEVISÃO MOSTRAR [sinal desconhecido] TIROS [guerra/violência?]
0:11'' - 0:26''	[EF: neutra] VOCÊ DIREITO ESCOLHER TELEVISÃO CONTEÚDO [programa] FILH@ VER TELEVISÃO ENTÃO ANTES CONTEÚDO ANUNCIAR ASSUNTO TAMBÉM IDADE COMBINAR DIVULGAR SABER PORQUE VOCÊ RESPONSÁVEL ESCOLHER CERTO
0:27'' - 0:30''	

Quadro A: Transcrição da interpretação para Libras do conteúdo do vídeo

Posteriormente, transcrevemos o áudio da vinheta (quadro B).

¹⁹ No apêndice 1 estão elencadas as convenções das transcrições..

0:01'' - 0:03''	[efeitos sonoros típicos de desenho animado]
0:04'' - 0:07''	[efeito sonoro típico de uma cena de sexo]
0:08'' - 0:10''	[efeito sonoro típico do uso de armas]
0:11''	[fundo musical suave, alegre]
0:12'' - 0:14''	Você tem o direito de selecionar o que seu filho vê na TV.
0:15'' - 0:20''	Por isso, antes de cada programa, serão mostrados o conteúdo e a idade indicada.
0:20'' - 0:22''	A Classificação Indicativa é informação.
0:23'' - 0:25''	E com informação, o controle é todo seu.
0:26''	
0:27'' - 0:29''	Brasil, um país de todos.
0:30''	

Quadro B: Transcrição do áudio do comercial

Na transcrição do áudio, ainda que tenha sido difícil transcrever os sons e barulhos, não se pôde dizer ao quê, especificamente, eram atribuídos. Descrevemo-os como semelhantes à, aproximados a algo que emita esses sons. Aí vemos o quão singular é essa transcrição, considerando-se os barulhos e sons iniciais, elementos integrantes do contexto da cena enunciativa e extremamente significativos nesse caso. Interessante pensar no quê - ignorando-se as imagens que a personagem vê, ou que a TV veicula -, os sons significam (e obviamente o significarão singularmente para cada sujeito) e em como a interpretação dos sons direciona esses sentidos. Os comentários entre colchetes (dentre eles, por exemplo, o comentário “sinal desconhecido” no quadro A) também são marcas do transcritor em seu enunciado, evidenciando o estatuto singular da enunciação.

Ao posicionar as duas transcrições lado a lado (Quadro C), podemos verificar os desdobramentos de sentidos produzidos:

Transcrição da Interpretação (Quadro A)	Transcrição do áudio (Quadro B)
0:01''	0:01'' - 0:03'' [efeitos sonoros típicos de desenho animado]
0:02'' - 0:04'' [EF: leve sorriso]	
TELEVISÃO MOSTRAR DESENHO	
0:05'' - 0:07'' [EF: neutra] TELEVISÃO MOSTRAR COISAS SEXO	0:04'' - 0:07'' [efeito sonoro típico de uma cena de sexo]
0:08'' - 0:10'' [EF: neutra] TELEVISÃO MOSTRAR [sinal desconhecido] TIROS [guerra/violência?]	0:08'' - 0:10'' [efeito sonoro típico do uso de armas]
0:11'' - 0:26'' [EF: neutra] VOCÊ DIREITO ESCOLHER TELEVISÃO CONTEÚDO [programa] FILH@ VER TELEVISÃO	0:11'' [fundo musical suave, alegre]
	0:12'' - 0:14'' Você tem o direito de selecionar o que seu filho vê na TV.

<p>ENTÃO ANTES CONTEÚDO ANUNCIAR ASSUNTO TAMBÉM IDADE COMBINAR DIVULGAR SABER PORQUE VOCÊ RESPONSÁVEL ESCOLHER CERTO</p> <p>0:27” - 0:30”</p>	<p>0:15” - 0:20” Por isso, antes de cada programa, serão mostrados o conteúdo e a idade indicada. 0:20” - 0:22” A Classificação Indicativa é informação. 0:23” - 0:25” E com informação, o controle é todo seu. 0:26” 0:27” - 0:29” Brasil, um país de todos. 0:30”</p>
---	---

Quadro C: Comparação linear entre os Quadros A e B

Comparando os dois enunciados, pudemos constatar que, nesse vídeo, o enunciado em Libras se difere significativamente do enunciado oral. Este refere-se ao conhecimento que os pais podem ter sobre a programação veiculada na televisão, por meio da Classificação Indicativa (Quadro B, 0:20” - 0:25”), enquanto aquele refere-se à escolha “certa” dos pais (quadro A, 0:11” - 0:26”), sem enfatizar qual o recurso disponibilizado à eles para tal, qual seja, a própria Classificação Indicativa. Além disso, a fala “Brasil, um país de todos” não é sinalizada. Poderíamos supor, como ainda muito se acredita, que o logotipo equivalente à frase possa substituir a sinalização. Contudo, surdos não-alfabetizados na língua portuguesa não têm acesso a essa informação que justamente se pretende e se marca como sendo para todos.

Veiculados concomitantemente na televisão, ambos os enunciados divergem quanto ao foco, distanciando as informações presentes neles. Através da transcrição dos enunciados, sinalizado e oral, pudemos depreender as diferenças de ênfase dadas em cada um, ou seja, através de uma mesma materialidade – escrita – pudemos perceber que cada um indica uma via interpretativa distinta do outro. A isso nos referimos quando dissemos que uma transcrição de base enunciativa pode servir como recurso para se analisar os diferentes desdobramentos de sentido produzidos em cada ato enunciativo envolvido na transcrição de uma interpretação para Libras.

Apenas a título de informação, de posse de versão do vídeo²⁰ que possui a legenda oculta (*closed caption*), contrapusemos a mesma (Quadro D) com a transcrição da interpretação. É importante salientar que o estatuto enunciativo dessa versão comporta outras condições de espaço, tempo e pessoa singulares que aqui serão apenas tangenciadas.

0:01”

20 Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=RNQWg_Ryo7E, acessado em 12/08/2010.

0:02” - 0:03”	[A boneca está assistindo a um desenho animado...]
0:04” - 0:07”	[Está assistindo a uma cena de sexo...]
0:08” - 0:10”	[Agora está assistindo a uma cena violenta...]
0:11”	
0:12” - 0:14”	Você tem o direito de selecionar o que seu filho vê na TV.
0:15” - 0:16”	Por isso, antes de cada programa,
0:17” - 0:20”	serão mostrados o conteúdo e a idade indicada.
0:20” - 0:22”	A Classificação Indicativa é informação.
0:23” - 0:25”	E com informação, o controle é todo seu.
0:26” - 0:30”	

Quadro D: Legenda oculta veiculada pelo comercial

Comparando as transcrições, deparamo-nos com a seguinte questão: qual a diferença entre dizer que “*a televisão mostra uma cena de sexo*” e que “*a boneca assiste a uma cena de sexo*”? (vide transcrição da interpretação (Quadro A) vs. *closed caption* (Quadro D) [0:02”-0:10”]). O que a televisão mostra, será necessariamente o que alguém vê? Ao passo que, no caso deste vídeo, a informação que temos é estritamente sonora. Quanto ao conteúdo do vídeo, é interessante notar que, quando na legenda oculta aparece que a personagem “*está assistindo a uma cena de sexo...*” (quadro C, 0:04” - 0:07”), a mesma está com as mãos cobrindo-lhe os olhos, ou seja, ela *não* está assistindo a tal cena.

Aqui tecida a análise, passaremos aos encaminhamentos finais.

4.3 Encaminhamentos

Nesta seção buscamos mostrar como se dá a transcrição da interpretação para Libras por um viés enunciativo. Sabemos que todas as diferenças entre a Libras e a língua portuguesa devem ser levadas em consideração numa análise enunciativa. A teoria não abarca *a priori* essas questões, mas seu arcabouço teórico pode ajudar a começar a subsidiar essa extensa reflexão. Além disso, faz-se necessário ainda um maior delineamento e a exploração de uma metodologia enunciativa de análise da tradução (como sugere Nunes, 2008, p. 48) e da transcrição. Refaço a pergunta formulada por Nunes (2008, p. 65): “qual é o modo singular de existência a que o sujeito promove seu enunciado? Em outras palavras, como ele, ao se marcar em seu enunciado, torna-o único?”. À guisa de um fechamento, passamos a seguir às considerações finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre a constituição do lugar único do (tradutor)intérprete de língua de sinais através da perspectiva da Enunciação com base na transcrição linguística de seus enunciados foi um desafiante trabalho. Esperamos que a mobilização teórico-prática aqui feita contribua para a reflexão sobre a prática desse profissional (ILS). A consideração da singularidade de cada ato enunciativo seja na locução oral, na interpretação para Libras, ou na transcrição, é um passo decisivo nessa direção.

Como vimos a partir das transcrições, a enunciação marca-se nos enunciados através da organização singular dos sistemas de notação e das inserções de comentários. Há um aparelho formal de enunciação atualizado no enunciado transcrito, e, “sobre esse *aparelho* diz-se ser geral, já que encerra parte da análise enunciativa, e específico, já que tem validade para uma análise dada” (FLORES [no prelo]). Por isso, esperamos que este trabalho contribua para que transcritores, de posse do geral, atentem ao específico de suas análises, problematizando suas transcrições e olhando para a singularidade nas marcas do transcritor em seus enunciados – sejam estes materializados na escrita em glosas, como fiz, ou em programas computacionais-, independentemente de se tratar de transcrição de uma (tradução)interpretação ou de uma conversação espontânea entre usuários da Libras.

Apesar de neste trabalho termos tecido uma discussão bastante incipiente, cremos ter podido, ao aproximar as áreas de estudo da Enunciação e da Libras, fazer surgir um novo espaço de diálogo entre ambas. Terreno este que se faz bastante fértil e com muitas trilhas por serem ainda desbravadas. Assim, encerrando este trabalho, que em sua singularidade se marca, esperamos que num breve futuro as lacunas por ele deixadas sejam preenchidas, fomentando e contribuindo para que ambas as áreas sejam locupletadas.

Do percurso aqui traçado – partindo da contextualização sobre a Libras, sua interpretação e transcrição, revisando-a pela visada teórica da Enunciação benvenistiana, e alcançando uma análise ilustrativa -, registra-se a unicidade de cada passo. Pensar sobre a subjetividade (e, conseqüentemente sobre a intersubjetividade) presente nos processos aqui apresentados (interpretação e transcrição), implica na consideração da linguagem enquanto constitutiva do sujeito. É o que Benveniste sustenta: “única é a condição do homem na linguagem” (1989, p. 287). Tal afirmação pode ser extensível aos sujeitos envolvidos na análise que empreendemos: única é a condição do intérprete na interpretação, bem como

única é a condição do transcritor na transcrição.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1991.

_____. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BRASIL. Secretaria Nacional de Justiça. **A Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais**. Organização: Secretaria Nacional de Justiça. – Brasília : SNJ, 2009. Disponível em <<http://www.surdo.com.br/download/Classificacao-LinguaSinais.pdf>> acessado em 28/11/2010.

ENDRUWEIT, Magali Lopes. **A escrita enunciativa e os rastros da singularidade**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Lingüística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Entre o dizer e o mostrar: a transcrição como modalidade de enunciação**. In: *Organon*, Porto Alegre, nº 40/41, janeiro-dezembro, 2006, p. 61-75.

_____. **Transcrição e enunciação**. (no prelo).

FLORES, Valdir do Nascimento (Org.) ; BARBISAN, Leci Borges (Org.) ; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.) ; TEIXEIRA, Marlene (Org.). **Dicionário de linguística da enunciação**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009. v. 1.

McCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani de Carvalho. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: H. SALLES (Org.), **Bilingüismo e surdez. Questões lingüísticas e educacionais**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007, p. 73-96. Artigo disponível em: <<http://www.mendeley.com/download/public/2306701/3599867992/954677a8f6b7e5267c512b59cc755e8ddb98ed04/dl.pdf>> acessado em 28/11/2010.

NUNES, Paula Ávila. **O tradutor como função enunciativa: uma análise de autotradução**. Porto Alegre. Monografia (Graduação em Letras) – IL/UFRGS, 2008.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. **Interpretação interlígüe: as especificidades da interpretação de língua de sinais**. Cadernos de Tradução XXI, Vol. 1, p. 135-156. Florianópolis: UFSC, PGET: 2008a.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. **O Intérprete de Língua de Sinais como sujeito no Ato de Linguagem**. Anais do III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso (2008 abr. 01-04: Belo Horizonte, MG). Belo Horizonte: UFMG, 2008b. CD-ROM: color.; 4 1/2 pol.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004. 94 p. : il.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

SILVA, Carmem Luci da COSTA. **A criança na linguagem – enunciação e aquisição**. Campinas, SP, Pontes Editores, 2009.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de Língua de Sinais pelo sistema Signwriting: Línguas de Sinais no papel e no computador**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SURREAUX, Luiza Milano. **Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem**. Porto Alegre. Tese (Doutorada em Letras) – IL/UFRGS, 2006.

APÊNDICE 1

[]	Comentários do transcritor
@	Indica a não-marcação de gênero na sinalização
negrito	Grifos da autora sobre as transcrições
Linha em branco após entrada de tempo	Indicação de silêncio

ANEXO 1